

O ENSINO DA LINGUÍSTICA NA UNIVERSIDADE

JOSÉ VICTOR ADRAGÃO

Faculdade de Letras de Lisboa

Ao apresentar esta mesa redonda e os professores que nela vão participar sinto que vos devo uma explicação, em nome da Direcção da Associação Portuguesa de Linguística, sobre as razões de termos incluído, neste 1º Encontro da Associação um dos temas tratados no ano passado, no 1º Encontro de Linguistas Portugueses.

O simples facto de, na quase totalidade das pessoas aqui presentes, fazermos do ensino da Linguística a nossa profissão seria talvez justificação suficiente para nos debruçarmos mais uma vez sobre o assunto. Quase diríamos, este tema deveria ser uma espécie de ponte que fosse unindo os sucessivos encontros de linguistas e acrescentasse ano a ano as reflexões, as experiências, as descobertas de cada um de nós. Com efeito ensinar linguística é muito mais do que investigar em linguística - é encontrar a forma de comunicar o que vamos sabendo de novo, é ser capaz de apaixonar os outros pela ciência pela qual nos apaixonámos um dia.

A mesa redonda do ano passado, em que colaboraram os Professores Lindley Cintra, Júlia Ferreira, Isabel Faria, Ernesto Pardal e Maria Emília Marques e a Dra Ana Maria Brito, e a que o Professor Paiva Boléo nos deu a honra de querer presidir, foi, nas suas linhas gerais, um balanço do que se tinha feito e do que se estava fazendo no ensino da Linguística em Portugal. Apenas uma intervenção se lançou claramente em propostas concretas de reorganização de conteúdos e de redefinição de objectivos.

Gostaríamos de apontar hoje nesta direcção. Sem perdermos de vista o que somos nem o percurso que aqui nos trouxe, pareceu-nos necessário aprofundar uma reflexão sobre o significado e a impor-

ciência da Linguística não só no curriculum académico dos nossos alunos mas na sua própria formação e na sua preparação para uma actividade profissional. Sobre estas bases poderemos talvez discutir algumas alterações que ajustem o ensino que fazemos (o que ensinamos e como ensinamos) às necessidades do país e aos interesses de estudantes e docentes.

A mesa redonda consistirá numa série de comunicações, naturalmente curtas, dos membros da mesa, que passo a apresentar por ordem de intervenção: a Maria de Fátima Oliveira, associada nº 45, docente na Fac. de Letras do Porto; a Maria Henriqueta Campos, associada nº 9, docente na Univ. Nova de Lisboa; a Isabel Faria, associada nº 22, da Fac. de Letras de Lisboa; o John Parker, associado nº 46, da Univ. de Aveiro; a Graça Rio-Torto, associada nº 70, da Fac. de Letras de Coimbra, e o José Azevedo Ferreira, associado nº 4, da Univ. do Minho.

A esta comunicação seguir-se-á um pequeno intervalo, durante o qual um dos estudantes de serviço a esta sessão aceitará os nomes dos que quiserem participar na segunda parte. A fim de que todos os interessados possam usar da palavra, pedia desde já que preparassem pequenas intervenções que não ocupassem mais de 3 minutos.

Antes, contudo, de dar a palavra à Fátima Oliveira, queria relatar-vos, em nome dos docentes desta Faculdade e particularmente em nome da equipa que preparou os dados, uma experiência que foi feita nos últimos meses do passado ano lectivo. Trata-se de um inquérito aos estudantes sobre o ensino da Linguística, a sua importância e o seu interesse. Por trás da organização deste inquérito estava o nosso conhecimento, adquirido em conversas com os alunos ou colhido no zum-zum dos corredores e do bar, de que a Linguística era fonte de pensamentos e sentimentos diversos e por vezes contraditórios por parte daqueles que a ela eram obrigados - desde o desinteresse total aos sentimentos mais vivos e, aqui, desde a aversão declarada ao apêgo quase amoroso; além disso, havia os que reconheciam na Linguística

a única fonte de saber útil para a sua actividade profissional ao lado dos que só a aceitavam como fornecedora de dados para a análise do texto literário. Organizou-se pois um inquérito com 17 perguntas que se pensou lançar em 15% dos nossos alunos. Os professores seriam os veículos e receberiam as respostas, competindo-lhes ainda, segundo critérios previamente estabelecidos, a escolha dos referidos 15%. Os resultados do inquérito ficaram muito aquém das nossas expectativas por duas ordens de razões - em primeiro lugar, a época em que foi lançado aproximava-se perigosamente do período de avaliação final e muitos alunos e alguns professores não consideraram a tarefa suficientemente importante para roubar meia hora do já escasso e precioso tempo; em segundo lugar, e apesar do anonimato de que se revestiam as respostas, a pressão do professor foi evidente - e raros foram os alunos que entregaram respostas queixando-se da cadeira leccionada por aquele mesmo professor que recebia os questionários. Isto levou-nos a considerar o interesse de repetir o inquérito, noutra época e com outro método de recolha e, naturalmente, ajustando aquelas perguntas que na amostragem já se verificaram pouco produtivas.

Apesar de todas estas restrições, gostaríamos de vos dar conta das principais linhas de resposta encontradas na análise dos resultados:

No que toca ao interesse geral que a Linguística lhes desperta, verificamos que são 20% dos mais velhos (30 e 40 anos) e 8% dos mais novos dão a esta área o 1º lugar; em compensação 60% dos mais velhos e 56% dos mais novos prefere a literatura. Entre as cadeiras de maior interesse situa-se a Sintaxe e Semântica do Português; a de menor interesse é a Fonética e Morfologia do Português. Esta é também a cadeira que mais dificuldades comporta. As causas desta dificuldade (e também do menor interesse despertado) distribuem-se em três áreas: falta de bases anteriores, conteúdo muito complexo e com um nível de abstracção demasiado elevado e, finalmente, falta de tempo para

estudar. As causas do interesse pela Sintaxe e Semântica do Português ligam-se predominantemente à sua utilidade para o ensino.

Antes de passar ao ponto seguinte permitam-me uma pequeníssima chamada de atenção para dois aspectos: primeiro, para o facto de que grande parte dos nossos estudantes exercem uma profissão e estão muito limitados nas suas disponibilidades de tempo; depois, para o enorme salto a nível de abstracção que representa, de acordo com alguns programas, a passagem da Introdução aos Estudos Linguísticos para a Fonética e Morfologia do Português.

Uma segunda ordem de questões debruçava-se sobre a organização dos cursos e sobre a sua relação com as saídas profissionais. À pergunta sobre articulação entre as cadeiras de Língua, Linguística e Literatura, 80% dos mais velhos e 22% dos mais novos responderam que não a reconhecem; 20% dos mais velhos e 18% dos mais novos acham-na insuficiente e apenas 16% dos mais novos a consideram razoável. 12% dos mais novos ainda consideram que a Linguística está ao serviço da Literatura.

Quanto aos objectivos do ensino universitário (e isto agora interessa-nos não na nossa função específica de linguistas mas na de membros duma mesma instituição), é também visível o progresso no desencanto dos nossos alunos - enquanto 78% dos mais novos afirma que há objectivos (preparar profissionalmente, ministrar conhecimentos superiores, abrir horizontes), 60% dos mais velhos diz que o ensino universitário não tem objectivos de qualquer espécie.

Quanto às saídas profissionais, a grande maioria (70%) gostaria de ensinar mas apenas 58% considera que a formação que a Faculdade lhes dá é válida para essa função no mundo do trabalho.

Estas, em linhas gerais, as conclusões do inquérito. Repito que o corpus examinado não é suficiente para que isto possa ser considerado um panorama do que é a Faculdade de Letras de Lisboa. Damo-lo a título de curiosidade e dispõem-nos, como já disse, a